

REVISTA

DIÁLOGO EDUCACIONAL

periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional


PUCPRESS

Dialogicidade na docência: uma ferramenta para o protagonismo do sujeito na educação

Dialogicity in teaching: a tool for the protagonism of the subject in education

La dialogicidad en la docencia: una herramienta para el protagonismo de sujeto en educación

Angelo Vandiney Cordeiro ^[a] 
Blumenau, SC, Brasil
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Celso Kraemer ^[b] 
Blumenau, SC, Brasil
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Como citar: CORDEIRO, Angelo Vandiney; KRAEMER, Celso. Dialogicidade na docência: uma ferramenta para o protagonismo do sujeito na educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba: PUCPRESS, v. 25, n. 84, p. 291-304, 2025. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.25.084.A003>

Resumo

Neste artigo nos propomos a discutir o ensino de Filosofia tendo por base a dialogicidade. A discussão foi feita a partir do entrecruzamento de respostas dadas pelos estudantes do Ensino Médio em resposta a um questionário sobre o tema em pauta, bem como, conversas travadas em dois grupos focais. Além da participação dos estudantes, discutimos a temática com base em autores consagrados da filosofia e pesquisadores que estudam sobre esse tema no Ensino Médio. A dialogicidade foi explorada ao longo deste artigo em conexão com os atores já mencionados e aprofundada com base nas contribuições de Paulo Freire. O trabalho em questão é resultado de parte da dissertação apresentada em 2015 no PPGE de educação da FURB, bem como discussões feitas na disciplina de “Paulo Freire e a Teoria Crítica”, desenvolvida no segundo semestre de 2023, na mesma instituição. A discussão envolveu os estudantes e professores, ou seja, os principais agentes quando se trata de educação. Por envolvê-los

^[a] Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau, e-mail: avcordeiro@furb.br

^[b] Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e-mail: celsok@furb.br

dialogicamente, o que se percebe principalmente a partir do ponto de vista dos estudantes é uma visão pautada no professor como centralidade do processo educacional. Desse modo, problematizamos esta visão, respeitando os dizeres dos estudantes, mas alertando quanto o processo de possibilidade de emancipação e libertação.

Palavras-chave: Dialogicidade, Filosofia, Estudantes, Professores, Ensino Médio, Emancipação.

Abstract

In this article we propose to discuss the teaching of Philosophy based on dialogicity. The discussion was based on the interweaving of answers given by high school students in response to a questionnaire on the topic at hand, as well as conversations held in two focus groups. In addition to student participation, we discussed the topic based on renowned philosophy authors and researchers who study this topic in high school. Dialogicity was explored throughout this article in connection with the actors already mentioned and deepened based on the contributions of Paulo Freire. The work in question is the result of part of the dissertation presented in 2015 at the FURB education PPGE, as well as discussions carried out in the “Paulo Freire and Critical Theory” course, developed in the second semester of 2023, at the same institution. The discussion involved students and teachers, that is, the main agents when it comes to education. By involving them dialogically, what is perceived mainly from the students' point of view is a vision based on the teacher as the centrality of the educational process. In this way, we problematize this vision, respecting the students' statements, but warning about the process of possibility of emancipation and liberation.

Keywords: Dialogicality, Philosophy, Students, Teachers, High School, Emancipation.

Resumen

En este artículo nos proponemos discutir la enseñanza de la Filosofía desde la dialogicidad. La discusión se basó en el entrelazamiento de respuestas dadas por estudiantes de secundaria a un cuestionario sobre el tema en cuestión, así como conversaciones sostenidas en dos grupos focales. Además de la participación de los estudiantes, discutimos el tema con base en reconocidos autores e investigadores de filosofía que estudian este tema en la escuela secundaria. La dialogicidad fue explorada a lo largo de este artículo en conexión con los actores ya mencionados y profundizada a partir de los aportes de Paulo Freire. El trabajo en cuestión es resultado de parte de la disertación presentada en 2015 en el PPGE de educación de la FURB, así como de discusiones realizadas en el curso “Paulo Freire y la Teoría Crítica”, desarrollado en el segundo semestre de 2023, en la misma institución. . En la discusión participaron estudiantes y docentes, es decir, los principales agentes en materia de educación. Al involucrarlos dialógicamente, lo que se percibe principalmente desde el punto de vista de los estudiantes es una visión basada en el docente como centralidad del proceso educativo. De esta manera, problematizamos esta visión, respetando los dichos de los estudiantes, pero advirtiendo sobre el proceso de posibilidad de emancipación y liberación.

Palabras clave: Dialogicidad, Filosofía, Estudiantes, Profesores, Escuela Secundaria, Emancipación.

Introdução

Este artigo é decorrente de discussões feitas na dissertação *A filosofia na educação: o que pensam estudantes do ensino médio*, apresentada em 2015, no programa de pós-graduação em Educação na Universidade Regional de Blumenau-FURB, sob a orientação do professor Dr. Celso Kraemer e discussões e leituras desenvolvidas na disciplina de Paulo Freire e a Teoria Crítica, ministrada pelo professor Dr. Antônio José Müller, também do programa de pós-graduação em Educação da FURB, no segundo semestre de 2023.

A proposta é analisar e problematizar as respostas dadas pelos estudantes a um questionário, bem como a dois grupos focais feitos para obtenção de dados. A abordagem e a discussão foram feitas pelo olhar dialógico de Paulo Freire e autores que discutem educação e ensino de filosofia. Ao analisar as contribuições dos estudantes foi possível perceber o envolvimento deles no processo educativo na disciplina de filosofia, assim, as falas dos estudantes podem apontar caminhos para melhorar metodologias e formas de abordar a filosofia no ensino médio.

Percebemos que a dialogicidade foi destacada pelo gosto dos estudantes pelo debate, pela conversa e valorização de seu “mundo”, o que se aproxima da perspectiva dialógica de Freire.

A análise do conteúdo das respostas dadas pelos estudantes requer atenção no que se refere principalmente ao professor, porque para eles, a importância do que chamam de “bom professor” é bastante destacada, e implica em gostar ou não das aulas dessa disciplina.

Metodologia

Na dissertação acima citada, a pesquisa se desenvolveu com a metodologia de análise de conteúdo. O conteúdo analisado teve como base dois grupos focais e a aplicação de questionário para os estudantes do segundo ano do Ensino Médio do ensino público de Blumenau - SC. A escolha do segundo ano deveu-se ao fato desses estudantes já terem uma caminhada com a disciplina de Filosofia e, ainda não estarem tão preocupados com os concursos de fim de ano, como o ENEM e vestibulares.

Na dissertação, utilizamos a categoria, “Ser sujeito, docência e dialogicidade”, como ferramenta de análise das respostas dadas pelos estudantes ao questionário, que contou com seis questões abertas, a saber: Você gosta das aulas de filosofia, por quê? Você relaciona os assuntos de Filosofia com seu cotidiano? Como? Qual a utilidade da Filosofia em seu dia a dia? Qual o sentido de estudar filosofia? Justifique. O que você gostaria de estudar em Filosofia? Por quê? E por fim, Como você gostaria de aprender Filosofia?

Além do questionário realizamos dois grupos focais com um grupo de oito estudantes, no Colégio Estadual Luiz Delfino. Para esses dois momentos utilizamos as mesmas perguntas do questionário, bem como, outros questionamentos em diálogo com os estudantes. Esse estudo desenvolvido para a dissertação, foi revisitado e amparado com as leituras e discussões feitas na disciplina, Paulo Freire e a Teoria Crítica, a qual proporcionou um melhor aprofundamento teórico em dialogicidade, capaz de ampliar o entendimento de docência dialógica e qualificar o entendimento de ser sujeito na concepção de Paulo Freire.

Para melhor entendimento das falas dos estudantes, e a não exposição dos mesmos, marcamos com letras do alfabeto de “A” até “H”, as contribuições dos estudantes participantes do grupo focal, o que corresponde a oito participantes e, para os estudantes que colaboraram com respostas ao questionário enumeramos de “E-1”, “estudante 1” até “E-54”, “estudante 54”, que corresponde ao número de questionários respondidos pelos estudantes e analisados para este artigo.

Discute-se neste artigo, além das contribuições dos estudantes para o ensino de Filosofia no Ensino Médio, as contribuições de estudiosos que se dedicam a entender a Filosofia nessa fase da educação e o entendimento pedagógico de dialogicidade em Paulo Freire, bem como discussões desencadeadas pelas descrições dos estudantes que envolvem os professores de Filosofia, seu papel e relevância na construção do conhecimento, pelas formas de abordagem que suscitam nos estudantes, momentos de reflexão e criação.

Ser sujeito: um caminho para a emancipação

A expressão “*Ser sujeito*”, no contexto em estudo, significa ser protagonista do próprio pensar, sujeito histórico, inacabado, que desvela o mundo, sujeito que está em constante processo de crescimento, construindo um modo de pensar que inclua a busca racional e autônoma. Sentir-se sujeito dos projetos inerentes à educação filosófica realça e estimula os estudantes a se interessarem pela Filosofia (Cordeiro, 2015, p. 78).

Na organização da Filosofia enquanto disciplina que valoriza a inclusão, não se pode negar aos estudantes espaços nos quais eles se sintam atraídos e contemplados nas discussões filosóficas. Para tanto, é preciso que essas discussões se aproximem dos problemas com os quais os estudantes se deparam diariamente (Cordeiro, 2015, p. 79), ou seja, dialogando com o mundo em que estão inseridos. Freire entende que “Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento” (Freire, 1987, p. 74).

Ao ler o mundo em movimento, movimentando-se nele, conectando-se a ele, cria-se mecanismos para proporcionar ao sujeito a possibilidade de pronunciá-lo, assim, os sujeitos vão compreendendo e significando suas relações como protagonistas e atores transformadores em ação em meio ao mundo que os circunda.

Para ser protagonista, na perspectiva abordada nesse trabalho, é necessário que os estudantes sejam incluídos nos projetos que a educação propõe, para tanto, é necessário a aproximação dialógica entre educadores e educandos. Nesse processo de troca entre a estrutura e os sistemas educacionais em conjunto com os professores, conhecedores de suas funções, podem chamar, bem como também responsabilizar os estudantes a estarem presentes. Nesse envolvimento os estudantes podem compreender o sentido de serem sujeitos de sua própria emancipação intelectual. A fala de um dos estudantes desenvolvida no grupo focal, revela uma noção sobre a filosofia e a atividade do pensamento:

“E”: “É que na verdade na filosofia, nada é muito certo, ou errado, acho que a filosofia cada um tem um pensamento e isso que gera o mundo, tipo, as pessoas cada um pensa de um modo”.

As discussões entre as diferentes maneiras de perceber o mundo, caracterizam a atividade filosófica como acolhedora, assim, nesse contexto de inclusão ela potencializa o desejo de maioridade, no sentido kantiano entre os estudantes. Ao se confrontarem com os problemas gerados pela reflexão filosófica, os estudantes iniciam um processo de desenvolvimento próprio do pensar e posicionar-se perante questões complexas geradas no decorrer das aulas de filosofia, as quais podem, como bem destacado pelo estudante acima citado, “gerar o mundo”.

Docência e dialogicidade: a abertura para o protagonismo na educação

As falas dos estudantes, presentes nesta pesquisa, são provenientes de suas vivências e observações em sala de aula. Ao avaliarem as atividades escolares, os alunos destacam a importância dos professores, reconhecendo que o papel docente é responsável por cativá-los, visível na fala abaixo (Cordeiro, 2015, p. 79).

“B” - “Gosto de filosofia porque ela me ensina a viver com a mente aberta é melhor ainda devido principalmente a professora [...].”

A professora, e sua capacidade de propor reflexões, possibilita aos estudantes uma postura de ressignificação da vida, por meio do diálogo criador desenvolvido nas aulas de Filosofia. A docência, mediatizada pelo diálogo, implica em uma ação (Cordeiro, 2015, p. 79) pela qual, “o professor que filosofa tem a possibilidade de acender a um diálogo tão aberto com os seus alunos que, de maneiras diferentes, favoreça e fortaleça o enriquecimento mútuo” (Celetti; Cohan, 1999, p. 139).

Renata Aspis, ao descrever o professor de Filosofia, entende que:

O professor de filosofia, dentro do que entendemos, vai ensinar a pensar filosoficamente, a organizar perguntas num problema filosófico, ler e escrever filosoficamente, a investigar e dialogar filosoficamente, avaliar filosoficamente, criar saídas filosóficas para o problema investigado. E vai ensinar tudo isso na prática. Na sua prática e na prática dos alunos. Vai ensinar tudo isso sem dar fórmulas a serem apenas reproduzidas. Não vai achar que sabe o que vai acontecer, pois tudo pode acontecer já que tudo estará sendo criado novo a cada aula. Nas aulas de filosofia como experiência filosófica, o professor é um orientador, ele põe à disposição para os seus alunos os instrumentos que conhece para uma disciplina filosófica no pensamento (Aspis, 2004, pp. 310-311).

Para a autora a Filosofia deve ser tratada como “experiência filosófica”. Isso requer, inicialmente, formação em Filosofia, para conhecer os conteúdos, ler textos filosóficos e entender o que os textos querem transmitir. Com formação na área o professor, como mediador, pode facilitar os conteúdos e cativar os estudantes para o pensar, ajudando-os a conhecer historicamente o que levou os pensadores a pesquisarem, escreverem e produzirem seus sistemas filosóficos.

A prática, conforme entendida pela autora, requer boa formação filosófica. É pelo conhecimento e domínio da Filosofia que os docentes podem dinamizar as aulas e torná-las criativas e produtivas.

Além de bom conhecimento dos conteúdos de Filosofia, o professor necessita tornar esses assuntos compreensíveis aos estudantes. Mais que isso, o professor precisa tornar crítico e pensante a Filosofia, sem ser apenas um expositor explicador, ou seja, colocar-se também como aprendiz.

Para Cerletti e Kohan,

A marca principal do professor de filosofia tem que ser seu pensar crítico e criador, na aula, ou seja, deve propor-se a exercer uma prática reflexiva junto a seus estudantes. Nós, os professores de filosofia, deveríamos tentar pensar e ensinar ao mesmo tempo: ensinar pensando e pensar ensinando (Cerletti; Cohan, 1999, p. 32).

No desenvolvimento da dissertação "A Filosofia na Educação: o que pensam estudantes do ensino médio", acima citada, os estudantes, em suas respostas, nos fizeram afirmar que o professor é fundamental para a disciplina de filosofia ser considerada importante. Ao associarem a disciplina com o professor, os estudantes entendem que a filosofia é atraente justamente pela performance apresentada pelo professor.

“C” - “Gostaria de aprender filosofia com um professor decente”.

Neste sentido, professor e disciplina andam juntos. Pelos depoimentos os estudantes esclarecem este posicionamento:

“E-8” - “As aulas são legais e o professor é muito fera”.

“E-22” - “Minha professora é bem legal e ela explica muito bem”.

“E-30” - “Porque tenho um professor bom que transmite bem a matéria”.

“E-19” - “A professora aborda conteúdos interessantes na aula, nos fazendo perguntar sobre uma determinada coisa”.

“E-10” - “A professora é divertida e sempre está feliz e isso é importante, pois passa uma energia positiva para os alunos”.

Na visão dos estudantes, o desempenho do docente é fundamental para cativá-los e ajudá-los a entrarem no universo filosófico, sendo que este docente também está relacionado a outras qualidades que o tornam um bom professor, evidenciadas pelas respostas, que manifestam a capacidade de explicar bem a matéria, apresentar aulas dinâmicas, promover debates, ouvir os alunos e até apresentar-se de modo a manifestar a felicidade.

Os estudantes apresentam argumentos que destacam o professor *explicador* e *transmissor* de conteúdos como um bom professor. É de suma importância que o professor tenha consciência dessa visão para diluir essa dicotomia entre ele e os estudantes, pois uma educação dialógica só pode ocorrer de modo horizontal, como nos ensina Freire, “que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (Freire, 2000, p. 64).

Outro argumento utilizado pelos estudantes é o professor visto como “*questionador*”. Questionar é fundamental para a Filosofia, bem como para produzir desassossegos perante o desconhecido, é também uma metodologia que faz conexões com a realidade e desconstrói verdades e valores pouco questionados, produzindo também a dialogicidade nas aulas de Filosofia.

Esse estímulo ao diálogo aberto e próximo, pode ajudar os educandos a sentirem-se sujeitos do pensar, criadores e transformadores do seu meio. O educador não pode valer-se dessa visão de destaque que os estudantes têm dele, para promover seu próprio pensamento, mas sentir nessa possibilidade um caminho para levar os educandos ao protagonismo e a transformação da própria maneira de ver o mundo. Não tirar os educandos de seu mundo, mas levá-los a compreendê-lo de modo compartilhado e dialógico com a realidade em que se encontram.

No modelo atual de Ensino Médio, bastante defasado, e agora, ainda mais desconfigurado com a nova reforma, os estudantes encontram poucas motivações para visualizarem sentido no que estudam. A figura do “mestre” ainda é bastante significativa, assim, ciente dessa responsabilidade, “cabe ao professor ser o mediador entre a filosofia e os alunos” (Rodrigo, 2009, p. 71).

A Filosofia, para os estudantes, mostra-se atraente, dependendo de como é trabalhada pelos professores. Por isso é importante uma boa formação e melhores condições de trabalho para os professores, pois, “formar a juventude e formar os formadores da juventude, os educadores em geral e o filósofo-educador, em particular, é habilitá-los ao exercício de uma forma de pensamento que seja competente, criativa e crítica, com relação à realidade do existir” (Severino *apud* Horn, 2009, p. 11).

Diante de certo ‘enaltecimento’ dos professores as respostas dos estudantes trazem alguns problemas. Por um lado, é importante que o professor seja reconhecido e valorizado por características como boas explicações, boas aulas etc. Mas por outro, recai sobre ele todo o peso da efetividade da educação (Cordeiro, 2015, p. 81).

Ao sinalizarem que a Filosofia passa a ser interessante através da performance do professor, os estudantes traçam o perfil que lhes agrada.

“E-21” - “A professora é muito boa e as aulas são bem variadas”.

“E-17” - “Gosto de filosofia por que a professora faz aulas explicativas, informativas e expressivas”.

“E-28” - “A professora não deixa ser uma aula chata”.

“E-06” - “A professora é divertida, explica bem a matéria e as aulas são bem planejadas”.

“E-19” - “Acho uma matéria interessante, e a professora trabalha muito bem os assuntos”.

“E-44” - “A professora é muito massa”.

O professor caracterizado pelas falas é motivador, as características traçadas pelos estudantes são fundamentais para criar laços de afinidades com eles, pois, ao aprovarem a organização, o planejamento e a forma de abordagem dos conteúdos do professor, eles também se sentem atraídos pela disciplina que ele ministra.

Assim, a mediação do professor é entendida como processo de apoio à atividade construtiva do conhecimento pelo aluno, atividade que precisa se dar como prática e exercício de análise da realidade e construção de conceitos significadores, que se traduza em intencionalização do existir humano, em percurso formativo, ao longo do qual o adolescente possa ressignificar sua experiência existencial no contexto histórico-social em que se encontra efetivamente inserido (Severino *apud* Horn, 2009, p. 11-12).

As discussões que se seguem é parte considerável da dissertação, "A Filosofia na Educação: o que pensam estudantes do ensino médio". Nesse trabalho foi considerado que a afetividade é uma dimensão poderosa nas relações humanas, ela se faz necessária também nas instituições escolares, na qual, muitas vezes, impera o distanciamento entre educadores e educandos. São pertinentes e bastante significativas as falas dos estudantes que apreciam seus mestres, que valorizam as atitudes motivadoras para melhorar as relações humanas na educação.

Na educação escolar é muito forte a ideia de professor detentor do conhecimento, conforme Rancière (2007) em *O mestre Ignorante*, “a cega evidência de todo o sistema de ensino: a necessidade de explicar” (Rancière, 2007, p. 20). O exercício da docência é visualizado historicamente pela capacidade e obrigação que os professores têm de ensinar, e o ensinar recai muitas vezes no explicar, sem se dar conta de que esse modelo reproduz distanciamentos entre o dizer e o absorver, “as palavras são aprendidas sem mestre explicador” (Rancière, 2007, p. 22).

O professor explicador colabora para permanência na dependência estudantil, acomoda a mente, fazendo com que os estudantes não se sintam protagonistas do processo de construção do conhecimento pela via dialógica, “há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência” (Rancière, 2007, p. 31).

Kant (2008, p. 64), afirma que “é difícil portanto para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele quase se tornou uma natureza”. Ser um bom professor é contribuir para a emancipação humana, não para a permanência e dependência da tutela, do direcionamento que acomoda e incentiva a preguiça e a covardia, pois, “o que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência” (Rancière, 2007, p. 65), o que em Paulo Freire é discutido sob a ótica da manutenção do oprimido e opressor, ou seja, o que tem a posse da palavra, do conhecimento versos o aprendiz, ou aquele que ouve, se instalando assim uma relação de sujeito e objeto.

A filosofia kantiana propõe um otimismo racional, vendo a possibilidade do ser humano se guiar pela própria razão, sem a necessidade de um tutor, ou seja, o indivíduo pode amadurecer e tornar-se consciente da força e da independência de sua inteligência. Para Horn “Kant insiste na ideia de que o ensino deve buscar o lema: ‘pensar por si mesmo’. Isso quer dizer, julgar questões segundo o exame próprio, segundo a autonomia intelectual e a ousadia moral” (Horn, 2009, p. 73).

O que desafia o ofício do professor no século XXI, é a tendência de continuar sendo o explicador, o tutor, aquele que detém o poder da palavra, esquecendo das contribuições e as discussões que podem ser construídas coletivamente.

Mesmo que o sistema educacional e os próprios estudantes acreditem e exijam do professor explicação, transmissão de conhecimento, aos poucos é possível ir cedendo espaço para a maioria e a emancipação dos estudantes, para que a sociedade do presente possa entender a profissão do professor, e valorizá-la na sua grandeza emancipatória e não em sua capacidade enciclopédica erudita, combatida por Nietzsche, em seu tempo, na cultura alemã.

É importante destacar que tanto o “gostar” como o “não gostar” de Filosofia, está bastante relacionado à performance do docente. Desse modo, encontramos em questionários respondidos na mesma turma, em que uns simpatizam com o docente e conseqüentemente com a disciplina, e outros, não gostam do professor, e juntamente com ele, também não são atraídos pela Filosofia.

“E-1” - “A professora passa muitas atividades com frescuras”.

“E-11” - “Monólogo, chato”.

“E-33” - “Porque não dá muito para entender a matéria pelo que o professor explica”.

“E-15” - “Porque é muito complicado, e na aula do professor [...] ele é muito estranho de entender, mas a matéria é muito fácil”.

“E-42” - “O professor não explica direito e não avalia como deveria”.

Por estes dizeres vislumbra-se a necessidade que os estudantes sentem em aproximar a boa explicação, proveniente de um bom professor, com o gosto e a importância da disciplina. Torna-se claro que, é a partir da proximidade que possuem com o docente que eles atribuem créditos ao que é ministrado.

Os que não gostam das aulas de Filosofia, destacam respostas referentes à forma de como é passada a matéria, isso também acaba incluindo o professor. Os alunos acham que as aulas são,

“A” - “Entediante”.

“H” - “Maçante”.

“D” - “Não gosto de fazer textos e pensar”.

“G” - “É uma aula muito chata e longa”.

“C” - “Muita matéria e textos”.

“E” - “Muita teoria e pouco diálogo”.

Nas respostas acima é evidente a resistência dos estudantes devido a forma que o professor aborda didaticamente a filosofia em sala de aula. Pensar, escrever e ler textos filosóficos não cativa os estudantes, porém são exigências fundamentais para a prática filosófica no Ensino Médio.

Decorrente da reclamação de alguns estudantes de que as aulas são chatas, por serem *monólogos*, nos quais apenas o professor fala, eles tiveram a oportunidade de descrever como gostariam de aprender Filosofia. Nas respostas, a sugestão evidente é que falta “*diálogo*” nesta disciplina (Cordeiro, 2015, p. 84).

Para promover a interação dialógica, o professor necessita de tempo e planejamento de suas atividades. Incluir os estudantes no corpo da aula, no próprio planejamento e nos debates sobre os conceitos a serem trabalhados. Isso requer abertura para a construção coletiva, bem como trabalhar de forma horizontalizada (Cordeiro, 2015, p. 84).

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (Freire, 1987, p. 83-84).

Ao entender que educar não está em repassar conteúdos prontos, cujos sentidos já estejam determinados previamente, o professor, enquanto educador dialógico, aproxima-se dos estudantes para com eles construir conhecimentos de modo coletivo, mediados pelo diálogo. Paulo Freire ressalta que o diálogo necessita ser mediado pelo mundo, dito pela palavra. Assim ele escreve, “quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: *a palavra*” (Freire, 1987, p. 77).

A palavra, conectada com o mundo em que está inserido o estudante, ao ser dita, ajuda-o a entendê-lo para ressignificá-lo, pois, “existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (Freire, 1987, p. 78). A pronúncia, a organização da fala, é um diferencial humano, pelo qual os homens comunicam suas verdades, ideias, crenças, enfim, “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Freire, 1987, p. 79).

O diálogo, enquanto ferramenta que aproxima as pessoas, gera encontros humanos e esses momentos de estar com o outro, fomenta a inclusão de todos, quando nos referimos à educação. Na concepção dialógica a educação ocorre em diversos e diferentes lugares (Cordeiro, 2015, p. 84) e “nesse lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (Freire, 1978, p. 81).

Ao analisarmos as contribuições dos estudantes, esse “lugar de encontro” fica evidente, pois seus dizeres e suas expressões manifestam uma riqueza de informações que ajudam a melhorar aspectos da docência para uma maior aproximação entre docente e discentes. Assim,

a dialogicidade não pode ser entendida como instrumento usado pelo educador, às vezes, em coerência com sua opção política. A dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador (Freire, 2000, p. 74).

Ao elencarmos as formas mais citadas pelos estudantes, por considerá-las as mais adequadas para aprender Filosofia, a maneira freiriana de pensar a educação ganha destaque e abre possibilidades: o “*diálogo, a conversa e debates*”, essa forma de aprender Filosofia foi repetida por vinte e oito estudantes. Seguem algumas respostas:

“E-44” - “Debatendo mais e decorando assuntos inúteis menos”.

“E-03” - “Conversas e debates”.

“E-53” - “Através de debate dialógico”.

“E-50” - “Sempre com atividades que tenham diversão e debate entre os alunos”.

“E-20” - “Talvez uma aula mais atrativa, um debate quem sabe, aulas teóricas e tudo mais”.

A troca de ideias argumentativas é apresentada pelos estudantes como a forma mais adequada para estudar Filosofia. Ao demandarem o debate, os estudantes sinalizam que evitariam a decoreba, ou seja, a simples passividade perante os conteúdos não é importante para eles (Cordeiro, 2015, p. 85).

Aulas *monólogas*, expositivas, sem atrativos dialógicos, são reprovadas pelos estudantes.

“H” - “As aulas são monótonas, ficamos muito tempo estudando outros pensamentos e raramente podemos expressar a nossa forma de pensar”.

A fala do estudantes deixa claro a tendência de querer estar envolvido nas atividades da aula, e se fosse dado a ele essa possibilidade, é visível pela descrição do estudante que ele daria um sentido própria para a filosofia:

“E”: “Com todo mundo assim, expressando opiniões e algumas coisas que a gente sentia, e eu gosto de falar sobre mim, sobre meus sentimentos, essas coisas, a professora não usava muito a teoria, nem o livro, nós debatíamos, essa era o tipo de aula boa”.

A aula *dialogada*, na visão desse estudante, é mais produtiva, o que a torna inclusive menos cansativa. O fato de participar dos debates, emitindo opiniões, prende a atenção, pois ativa a vontade de mostrar-se, manifestando suas ideias, e o mundo que o cerca. Referindo-se ao diálogo, Paulo Freire afirma que, “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 1987, p. 78).

Para Zitkoski (2011, p. 101), “o diálogo é concebido como o princípio educacional por excelência, que deve orientar a construção do conhecimento, articulando ensino e pesquisa e as relações no ambiente escolar”. Dialogar exige compreensão e aceitação do outro. A aceitação requer disposição para ouvir e avaliar para daí entrelaçar argumentos e selecionar os mais convincentes para a produção do conhecimento que considera a multiplicidade e a diversidade de ideias.

A Filosofia, historicamente, tem ligações profundas com o diálogo e com o debate. Na Grécia, ela esteve atrelada ao universo político e, neste cenário, estava conectada com a oratória, com a boa retórica e com os discursos envolventes que aconteciam na Ágora grega, entre os cidadãos. Discursar entre os iguais era uma tarefa destinada aos cidadãos, os quais estavam envolvidos com a política, com a democracia, mesmo em sua forma restritiva com que os gregos a praticavam.

Sócrates promoveu inúmeros debates com os Sofistas. O método próprio para a Filosofia, segundo Sócrates, é dialógico. Sócrates inqueria as pessoas sobre diversos assuntos. Motivado pelas perguntas, provocava as pessoas a falarem de seus problemas e a refletirem sobre eles. Paulo Freire enaltece a “pedagogia da pergunta”, pois por meio dela é que se estimula o pensar emancipador em uma educação como prática da liberdade.

A maiêutica usada por Sócrates enaltece a fala, necessita que as pessoas coloquem suas inquietações, manifestem seus pensamentos. Neste sentido, a fala, a conversa, são instrumentos que ajudam o filósofo a desenvolver seu trabalho (Cordeiro, 2015, p. 86).

Platão escreveu sua obra basicamente em diálogos, seu método também é dialógico. De certo modo, a Filosofia é um constante diálogo com a sua própria história e com a produção dos filósofos (Cordeiro, 2015, p. 86).

A filosofia está intrinsecamente ligada a seu passado. A rigor não existe Filosofia como um sistema de ideias prontas que serve para as pessoas se integrarem à sociedade, orientarem suas vidas ou para autoajuda. Ela precisa ser compreendida como um diálogo crítico com o seu passado, um diálogo em que as grandes questões que os filósofos se perguntaram são constantemente retomadas; é por essa razão que, para a Filosofia, muitas vezes, não importa tanto a resposta, mas muito mais a pergunta que se faz (Honr, 2009, p. 67 – 68).

Os estudantes, ao assumirem que a Filosofia, pelo diálogo, é mais atraente, estão mostrando que é necessário a abertura para o diálogo, para que a exposição das ideias seja o fio condutor para aprender Filosofia (Cordeiro, 2015, p. 87).

Leonardo Porto apresenta duas regras básicas para a obtenção de um diálogo produtivo:

1) a busca de um objetivo – todo o diálogo filosófico é uma investigação, e toda investigação visa aclarar um determinado assunto; 2) o respeito às regras da lógica e da semântica, sem as quais só o que se segue é mero discurso vácuo (Porto, 2011, p. 113).

O autor frisa que o questionamento é fundamental para o bom andamento do diálogo. A investigação precisa ter um ponto de partida, um problema, que se traduza em questionamentos, que requerem respostas e argumentos que só aparecem após pesquisas e investigações (Cordeiro, 2015, p. 87).

Para obter fundamentos sólidos em filosofia, é importante conhecer metodologias que sejam lógicas, pois ter coerência nos raciocínios leva ao entendimento de problemas filosóficos, evitando discussões estéreis e sem sentido.

É um bom desafio conduzir uma aula de filosofia que inclua o diálogo sustentando um raciocínio lógico. Em meio ao debate surgem os diferentes posicionamentos referentes à verdade ou a própria cultura.

O desafio, enfim, no processo dialógico do ensino é mobilizar os sujeitos/educandos para acessarem diferentes fontes de informações, além de trocarem seus próprios saberes e interagirem uns com os outros, uma vez que a tendência do educando é se mobilizar/desacomodar a partir de desafios concretos e da abertura para diferentes olhares sobre as temáticas trabalhadas em um determinado período, que se fizer necessário para a construção do conhecimento próprio (Zitkoski, 2011, p. 103).

O gosto pelo debate é evidente nos posicionamentos dos estudantes, porém em se tratando de filosofia, o diálogo clamado pelos estudantes precisa potencializar a própria filosofia. Os debates não podem furtar-se ou desviar-se do conhecimento filosófico e enveredar-se por caminhos que não condizem com o filosofar, portanto, a pesquisa, a leitura e a escrita são ferramentas que fundamentam a criação filosófica no processo de discussão de ideias.

Com o diálogo que se abre com a filosofia estimula os estudantes a redefinir suas posições, e lhes mostra o valor de encontrar várias maneiras de dar lugar a pontos de vistas diferentes propostos por seus colegas. Deste modo, o aluno não só aprende o conteúdo do curso, como também, progressivamente, desenvolve habilidades de pensamento crítico e criativo (Cerletti; Kohan, 1999, p. 134).

Na interação dialógica entre professores e estudantes, tendo como tema central o conhecimento filosófico, não um conhecimento pronto, mas construído coletivamente de modo crítico e criativo, encontra-se uma das melhores maneiras de valorizar a Filosofia e garantir o seu lugar no currículo do Ensino Médio brasileiro.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi discutir e problematizar o ensino de Filosofia tendo por base a dialogicidade. Para dar conta do que nos propomos a realizar, analisamos as respostas dos estudantes a partir do olhar de autores que discutem a Filosofia com um viés dialógico na educação.

Para os estudantes, o diálogo está muito presente nos debates, ou seja, o que caracteriza uma boa aula de Filosofia, para eles, é a possibilidade de falar, se expressar e opinar. O que os cativa e os faz refletir vem pela possibilidade da abertura para o diálogo.

Paulo Freire é inspirador e defensor de uma educação pautada na dialogicidade. Uma educação que conversa com o mundo e engloba todos os que com ela estão envolvidos e que pretende despertar os educandos e os educadores para a emancipação e para a prática da liberdade.

A filosofia, em grande medida estimula o diálogo com vistas a um entendimento da realidade de modo profundo, sendo uma ferramenta de releitura da condição humana, pela qual o ser humano desperta para a criticidade, podendo revolucionar intelectualmente sua forma de estar e compreender o mundo.

Nesse sentido, a discussão presente neste artigo envolve a educação filosófica dando voz aos estudantes, percebendo a partir do ponto de vista deles seus anseios e tendo dicas e respostas bem-intencionadas para enriquecer e valorizar ainda mais a filosofia que dialoga, é colaborativa e compartilha.

O que se percebe é que os estudantes têm curiosidade, estão atentos e proporcionam reflexões profundas em suas respostas. Essa colaboração pode despertar para uma tomada de consciência dos educadores para envolverem mais os estudantes em seus planejamentos, ou seja, pensar uma educação filosófica que liberte, não que seja monótona como mencionada acima por alguns estudantes, mas que abra espaço para um caminho dialógico envolvente. Paulo Freire nos alerta que “é preciso que minha curiosidade se faça epistemológica” (2000, p. 78).

A educação que se mostra dialógica, não nega a todos a possibilidade de participação, não subestima suas curiosidades e anseios. Porém, para ser epistemológica, a curiosidade também precisa ser potencializada em discussões científicas e transformada de fato em entendimento, para a partir daí, ser liberdade. Não se trata de um entendimento verticalizado, mas compartilhado, que seja gerado em comunhão e proporcione crescimento em todos os envolvidos.

Destituir uma educação filosófica sem sentido para os educandos é fundamental, pois requer compartilhamento de ideias e perspectivas variadas. Paulo Freire, critica a educação tecnicista, quando entende que “a visão tecnicista da educação, que a reduz a técnica pura, mais ainda, neutra, trabalha no sentido de treinamento instrumental de educando” (2000, p. 79).

Uma educação que prioriza a técnica pura, não é dialógica, não propõe a liberdade e não estimula a curiosidade e o pensar crítico. O pensar crítico é uma característica importante da educação, e mais ainda quando se trata de educação com viés filosófico, pois, pensar a partir de conceitos filosóficos é tentar compreender a realidade de modo a situar-se no mundo, compreender-se como um ser histórico e em elaboração constante. Aqui temos o que Paulo Freire entende como práxis, ou seja, “a práxis, é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1987, p. 38).

Ser dialógico é conversar com o mundo, perceber a realidade existencial e envolver-se nela, ou seja, “ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não “sloganizar”. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade” (Freire, 2019, p. 51). A transformação é mediada pela capacidade de decifrar o mundo e ter consciência daquilo que cerca os homens, nesse caso, os estudantes e educadores.

Freire pontua que, “Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (Freire, 1987, p. 78). Quando a educação se abre para essa possibilidade, ou seja, quando ela está preocupada em “pronunciar o mundo”, ela desenvolve a conexão dos agentes situando-os no mundo, não se trata de distanciar a educação da realidade, pelo contrário, de fazer uma aproximação cada vez mais enraizada na realidade, para que ao se aproximar do contexto em que cada um vive, a pronúncia seja coerente e diga algo que tenha sentido e proximidade.

Paulo Freire é conhecido por sua versatilidade em ler o mundo com base na história e nas vivências dos seres humanos, ele como educador possibilita pensar a educação por vias dialógicas, sem suprimir o chão em que esteve e pisa cada ser que está envolvido com a educação, tornando “a pessoa mais consciente e a liberta, se opõe a práticas educativas elitistas e discriminatórias” (Gauthier; Tardif, 2010, p. 305).

Este artigo, ao refletir sobre a educação a partir de um olhar filosófico, entende que a pronúncia é um direito de todos e, sendo assim, está em conexão com a reflexão proposta por Paulo Freire, pois para ele, a educação deve estimular e valorizar a pergunta, precisa desenvolver a criticidade e a capacidade de ler o mundo, dialogar com a realidade, pensá-la e transformá-la. Assim, as proposições feitas pelos estudantes são, de fato, a sua pronúncia da realidade escolar que vivem, eles manifestam seus pensamentos a partir da realidade em que estão inseridos.

Qual é a realidade que eles nos apresentam em suas respostas? É uma realidade na qual o professor ainda é o centro do processo, ou seja, eles ainda não se reconhecem como protagonistas quando colocam o professor como critério para se ter boas aulas de Filosofia. Ao revelarem que as aulas compartilhadas e dialogadas são mais atraentes, estão manifestando e mostrando que o diálogo é o caminho para uma educação emancipadora e colaborativa.

Portanto, a dialogicidade precisa de espaço na educação, é por meio dela que o encantamento pelo saber mediado pelo mundo e com o mundo pode ser feito com entusiasmo. O caminho apontado por esse trabalho é de uma educação que liberta e compartilha, que tem um olhar voltado para todos, aquela educação que não é verticalizada, mas que se faz de modo horizontalizada, sem a dicotomia dos educadores e educandos, mas todos aprendendo e compartilhando ao mesmo tempo.

Referências

- ASPIS, Renata pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.
- CERLETTI, Alejandro A. KOHAN, Walter O. *A filosofia no ensino médio: caminhos para pensar seu sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CORDEIRO, Angelo Vandiney. A filosofia na educação: o que pensam estudantes do ensino médio. Orientador: Dr Celso Kraemer. 2015. (Dissertação) - Universidade Regional de Blumenau-SC, 2015. Disponível em: <https://bu.furb.br/consulta/portalConsulta/=359866>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- FREIRE, Paulo. *À sombra dessa mangueira*. 3. ed. - São Paulo: Olho D'água, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 21^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17^a ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. *A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HORN, Geraldo Balduino. *Ensinar Filosofia: Pressupostos teóricos e metodológicos*. RS: Editora Unijuí, 2009.
- KANT. *Textos seletos*. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. 4^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- PORTO, Leonardo Sartori. O Ensino da Filosofia através do diálogo. In: CAREGNATO, Célia Elizabete; GENRO, Maria Elly Herz (orgs.). *Sociologia e Filosofia para quê? Diálogos com protagonistas na escola*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- RODRIGO, Ligia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas, SP: Autores associados, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo e educação: desafios para uma metodologia de ensino dialógica. In: CAREGNATO, Célia Elizabete; GENRO, Maria Elly Herz (orgs.). *Sociologia e Filosofia para quê? Diálogos com protagonistas na escola*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

RECEBIDO: 22/01/2024
APROVADO: 27/01/2025
PUBLICADO: 18/03/2025

RECEIVED: 01/22/2024
APPROVED: 01/27/2025
PUBLISHED: 03/18/2025